

O OLHAR VOLTAIREANO SOBRE A HISTORIOGRAFIA: [RE] PENSANDO A NARRATIVA HERODOTIANA.

Adjefferson VIEIRA ALVES DA SILVA*

Orientadora: Marinalva Vilar de Lima**

“A história é o relato dos fatos dados como verdadeiros, ao contrário da fábula, que é o relato de fatos dados como falsos”. [grifo nosso] (VOLTAIRE, 2007:3). Essa é a fala de abertura de Voltaire na introdução de sua obra *Essai sur les moeurs*, em 1765, na qual o autor marca de início *seu lugar* a respeito do que ele entende pelo ato do fazer historiográfico.

Voltaire é um dos “grandes nomes” do pensamento iluminista do século XVIII, um momento que, segundo o texto do Paulo Rossi, pôde ser chamado pelos contemporâneos de então como “O Século do Grande Luis XIV”, uma alusão ao comentado *Século de Augusto* da Antiguidade Clássica.

Uma coisa que de antemão deve nos ser *trazida à memória* é o ambiente que tomara a Europa entre os séculos XVII e XVIII. A Europa, como nos fala de forma superficial o Karl Lowith, viveu uma crise em sua consciência quando o ‘Espírito do Progresso’ tomou o lugar até então ocupado pela “Providência”. O que poderíamos chamar de uma *acontecência* na produção historiográfica européia, quando a *Razão* das ciências naturais – parafraseando Voltaire – ‘desbanca’ o *Providencialismo das teologias da história* que tem na obra de Bossuet, *Discurso sobre a História Universal* (1681), sua última expressão sob o esquema Agostiniano.

Voltaire tem em seu projeto uma História à *luz da razão* contra todos os aspectos sagrados e as explicações de cunho religioso para se pensar a história. Na fala do Karl Lowith (1977), Voltaire se põe numa ‘verdadeira batalha’ contra um Providencialismo enquanto guia da história. Segundo ainda esse autor, Voltaire mantém um ‘projeto’ de refutar a perspectiva tradicional da história, bem como seu método e conteúdo, era uma vontade cada vez maior de ‘libertar-se das rédeas da igreja’.

* Aluno de graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Membro do Grupo de Estudos Culturais sob Coordenação da Profª. Drª. Marinalva Vilar de Lima; Membro do Grupo de Estudos Orientais sob Coordenação do Prof. Dr. José Otávio Aguiar; Monitor da disciplina de História Antiga Oriental. Ad.jefferson@yahoo.com.br

** Professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG. Líder do Grupo de Estudos Culturais. Doutora pela Usp. Conselheira da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). marilima@usp.br

O que a historiografia tradicional convencionou chamar de *Época das Luzes* para designar o período em que a Europa foi ‘tomada pelo espírito’ do progresso mecânico, científico e, por que não, literário é também o período em que a chamada Idade Média foi descartada, pois para esse período, um pouco segundo o texto do Paulo Rossi (1989), os Antigos eram de fato o parâmetro de progresso e ao mesmo tempo o alvo mais atacado pela maioria das produções da época.

No que se refere a Voltaire, o autor trava o que podemos chamar de um *verdadeiro acerto de contas* com toda a produção historiográfica até ele. Mas é sem sobre de dúvidas, dentre os gregos, Heródoto o mais atacado dos historiadores.

É a partir desse momento que nos ateremos a apresentar um pouco do fervor com que Voltaire critica a obra de Heródoto. Procuraremos sempre lembrar que Heródoto, tal como Voltaire, fala de um lugar específico enquanto autor e, acima de tudo, enquanto indivíduo regido por um universo cultural que o ‘prende’ a certas ‘convenções’ no fazer escriturário e, ainda, que toda produção possui uma intencionalidade, nesse sentido, não será a obra de Heródoto que estará livre de tal sentimento.

Acredito que é importante para nós podermos tecer melhores considerações sobre a obra de um Heródoto, tal como a de qualquer outro autor-indivíduo, tomarmos ciência, e levarmos em conta, na hora da leitura, do ambiente em que este está inserido.

Mesmo que para nos dar um panorama, mas que de muito nos é útil, a respeito do mundo helênico de então, e acima de tudo da Atenas que ‘abraça a obra de Heródoto, se faz necessário uma apropriação do pensamento de Jean Pierre Vernant, em *As Origens do Pensamento Grego*.

É possível ver através dessa obra como a pólis na leitura do autor é uma *invenção* que possibilitou uma nova forma na vida social e nas relações entre os homens que ‘ao longe’ será sentida pelos gregos.

Para tanto, Vernant, terce para seu leito aquilo que ele entende pelo que seria “O Universo Espiritual da pólis Grega”, uma pólis que terá como uma de seus pilares maior a *Palavra*, mas não mais como outrora era visto, um ‘discurso justo’¹, contudo é a presença do debate contraditório, o uso do ‘discurso injusto’ como forma de persuadir os ouvintes ao seu favor.(VERNANT, 1996).

¹ Para um maior entendimento desse debate sobre o discurso justo e injusto na Grécia ver: “As Nuvens” de Aristófanes.

Essa *palavra* pressupõe um público que a julgue e faça uma escolha entre as possibilidades expostas em debate. Nesse sentido, podemos dizer que a obra de Heródoto que vive esse auge da pólis grega é um debate no interior da obra entre dois *logos*, o grego e o “bárbaro”, mesmo que em muitos momentos da obra quando do debate entre dois *logos* bárbaros um deles assuma um caráter essencialmente helênico marcando aquilo que Hartog chama de *níveis de grecidade*.

Uma segunda característica dessa pólis, que nos é apresentada por Vernant, é a *publicização* das manifestações mais importante da vida social, antes reservada ao privado (VERNANT, 1996). É nesse aspecto que vemos como a *escrita* ocupa o espaço de *bem-comum* dos *cidadãos*, quase quanto à palavra. É ainda nesse contexto da escrita que temos uma outra questão para se pensar o plano a que está inserida a pólis e, por conseguinte, a obra de Heródoto, a *redação das leis*.

Com a publicação das leis a *dike* – o direito - grega ganha um caráter propriamente humano, visto que antes se tinha um estreito laço com o divino, e *na lei realizar-se enquanto regra comum a todos, mas superior a todos* o que podemos dizer que é essa definição no pensamento herodotiano a base do ideal democrático.

Da mesma forma que as leis a obra de Heródoto é tornada pública, o que segundo Vernant, é tornar público seu *saber* por meio da escrita, que para um indivíduo *é fazer desse saber um bem-comum da cidade*, que “uma vez divulgado sua sabedoria toma uma consistência e uma objetividade novas: ela constitui em si mesma como verdade”², nesse sentido a obra de Heródoto constitui no momento de sua publicização “um direito acessível a todos e ao julgamento de todos, com a esperança de que em definitivo seja por todos aceita e reconhecida” (VERNANT, 1996: 34).

E, por fim, a esses dois elementos iniciais Vernant mostra um terceiro que traz em si o que pode ser ‘definido’ como *elo de unidade na polis*, idéia de *hómoioi*, semelhante, e de forma mais abstrata os *isói*, iguais (VERNANT, 1996).

Heródoto vive esse momento em que a pólis *rejeita* as atitudes que tenham como pretensão a exaltação do indivíduo ou de um pequeno grupo, são essas ações que, segundo Vernant, podem provocar o desequilíbrio da pólis, sua divisão contra si mesma.

² Cf. Diógenes Laércio Apud J - P VERNANT. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Nesse sentido, a idéia de que a cidade é superior ao destino individual marca bem a pólis grega, e por seqüência a obra de Heródoto. Para esse último a pólis democrática é acima de tudo esse lugar onde o governo é conduzido pelo povo e que “traz consigo o mais belo de todos os nomes: igualdade perante a lei”.(HERÓDOTO, 1985: 177). Para Heródoto “não se evidencia num caso isolado, e sim na maioria dos casos, que a *igualdade* é uma instituição excelente” (HERÓDOTO, 1985: 280) e que o mundo de Atenas é sua representante maior.

Mesmo com toda essa acontecência que é a polis na vida do homem grego, que decididamente veio (*dês*) *locar* todo um modo de ser no mundo por parte dos gregos e, não apenas o modo de ser no mundo, mas também toda uma nova lógica de pensar o mundo que o grego constitui e mesmo o que está em sua volta, Voltaire “eleva” declaradamente a obra de Heródoto ao *status de fábula*, segundo ele “os gregos sabiam muito bem distinguir a história da fábula, e os fatos reais dos contos de Heródoto” (VOLTAIRE, 2007: 6). Para o Voltaire ‘setecentista’, do ‘século das luzes’, era de conhecimento de todos o “*maravilhoso ridículo* que reinava na história antiga dos gregos” [grifo nosso] (VOLTAIRE, 2007: 4).

Contudo, observando a abertura das Histórias de Heródoto podemos ver o *maravilhoso* projeto desenvolvido pelo nosso autor:

Os *resultados das investigações* de Heródoto de Halicarnassos são apresentados aqui, para que *a memória dos acontecimentos não se apague* entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e bárbaros não deixem de ser lembrados, *inclusive as razões* pelas quais eles se guerream³ [grifo nosso] (HERÓDOTO, 1985: 19).

Nessa passagem da obra é possível perceber como já se estabelecia “uma clara distinção entre os ‘memorialistas’ e a ‘narrativa historiográfica’” (LIMA, 2006: 4). Segundo Marinalva Vilar de Lima, essa ‘narrativa historiográfica’ é marcada por alguns elementos essenciais: “1. Tratar-se de um discurso escriturário; 2. Construir-se a partir de recolha de versões dos acontecimentos; 3. Submeter-se ao crivo dos verossímil” (LIMA, 2006: 5), elementos que nos são apresentados logo na primeira fala do Heródoto.

1. “Os *resultados das investigações* [...]” (HERÓDOTO, 1985: 19): percebemos aqui como o autor apresenta sua obra como *um resultado* de uma investigação, a reunião de argumentos que passaram pelo crivo do verossímil, ou como nos fala Voltaire ‘uma obra que é

³ Todas as citações foram tiradas da tradução para a língua portuguesa de Mario da Gama Kury.

resultada do senso comum, sobre voz de inúmeras ‘testemunhas’, nesse sentido vejamos algumas passagens em que o exercício do verossímil é posto em prática, por melhor expressar são passagens em que Heródoto lega a seu leitor uma espécie de diálogo a possibilidade de ‘optar’ por uma dentre as que lhes dada:

Essa é a versão dos persas quanto a tais acontecimentos; (...), mas os fenícios não estão de acordo com os persas(...), São, pois essas as versões dos persas e fenícios (HERÓDOTO, 1985: 20).

Dizem os Coríntios (e os Lésbios concordam com eles). (HERÓDOTO, 1985: 25).

Essa é a história contada pelos Coríntios e Lésbios. (HERÓDOTO, 1985:259).

Segundo dizem os próprios Lacedemônios. (HERÓDOTO, 1985: 38).

Essa é a versão apresentada pelos Cretenses da História dos Cários, mas os próprios cários não concordam com os cretenses.(HERÓDOTO, 1985: 19).

São esses os relatos dos citas a propósito de si mesmos e do território ao norte do seu, mas os helenos habitantes do Pontos dizem o seguinte. (HERÓDOTO, 1985: 203).

São versões que, como nos fala Marinalva Vilar de Lima, parecem estar articuladas com o propósito de proporcionar a ele, Heródoto, um salvo conduto por possíveis erros que tenha cometido ao construir as tramas, e que não seria ele o responsável por tais erros (LIMA, 2006: 4).

2. “[...] a memória dos acontecimentos não se apague [...]” (HERÓDOTO, 1985: 19). Heródoto está preocupado em produzir aquilo que Voltaire em sua obra chama de *História útil*, uma escritura que tem o objetivo de deixar à posteridade condições de através de relatos do passado tomá-los como fonte de um conhecimento passível de ser aplicado na modernidade de quem os ler, a obra de Heródoto não quer relatar, e não relata, apenas os feitos memoráveis de gregos e bárbaros, mas também ele deixa sua obra como *exempla*, mesmo que naquele momento seu pensamento sobre a posteridade seja os gregos, para que eles não se deixem cair novamente sob o jugo de uma tirania como acontecera num passado não muito distante dos que *ouvem*, mas também dos que o irão ler sua obra.

3. “[...] inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam” (HERÓDOTO, 1985: 19). E, por último *as causas* que levaram, segundo a leitura das versões recolhidas por Heródoto, gregos e

bárbaros a se guerrearem. Uma empresa tomada de perto por todo o historiador da antiguidade, da medievalidade, da contemporaneidade, certamente ‘*os iluministas do século de Luis XIV*’.

Na obra de Heródoto os elementos míticos perpassam a obra de uma forma que deve ser compreendido dentro de um outro contexto que tomava a cidade, e por excelência a cidade ateniense, o contexto das *tragédias*. Nesse sentido, voltamos ao helenista que bem domina esse tema.

Em um capítulo de sua obra com Jean Vidal Naquet, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, Vernant comenta sobre o ‘sujeito trágico’, ele nos mostra como a *invenção da tragédia* não fora apenas uma produção literária para os atenienses do século V, a partir de uma leitura de Marx⁴, o autor nos mostra como a tragédia não pode ser vista como um *simples objeto* criado para o público – público/sujeito – existe aqui também a criação de um sujeito para o objeto, que abrange, segundo a recepção de Vernant, uma ‘consciência trágica, um homem trágico. Que segundo o autor as tragédias forjam, por assim dizer, “um novo modo do homem se compreender” (VERNANT, 2005:214).

Nesse sentido, não podemos desconsiderar que Heródoto, enquanto sujeito imbuído por esse ambiente, seja ele também um sujeito para esse objeto que é a tragédia.

Essa fala pode ser contestada, até porque não estamos aqui pretendendo uma ‘verdade absoluta’, contudo a presença de *esquemas trágicos* na obra de Heródoto é um dado possível de ser apreciado por todos os seus leitores:

Croisos era lídio de nascimento, filho de Aliates e tirano de todos os povos habitantes a oeste do rio Hális. (HERÓDOTO, 1985: 20).

Candaules, chamado Mírsilos pelos helenos, era o tirano de Sárdis. (HERÓDOTO, 1985: 21).

“Sou de Gordias filho de Midas, rei; chamo-me Ádrastos, matei meu irmão sem querer e aqui estou banido por meu pai e privado de tudo”. (HERÓDOTO, 1985: 29).

Então o estrangeiro chamado Ádrastos, purificado havia pouco tempo de um crime de morte, atirou a sua lança contra o javali, mas errou o alvo e atingiu o filho de Croisos. (HERÓDOTO, 1985: 31).

⁴ Para uma maior compreensão do debate estabelecido por Vernant ver: “O sujeito trágico: Historicidade e Transishistoricidade” IN: J-P VERNANT e P-V NAQUET. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*.

Para Heródoto, o enredo que envolve o trágico está diretamente ligado com a tirania, como pode ser observado nas passagens da obra acima citadas. O próprio Voltaire observa essa construção, contudo, a interpreta segundo seu propósito que é de nos mostrar que *maravilhoso ridículo*, segundo sua fala, reina na história dos gregos, em especial na obra de Heródoto:

Heródoto chega aos jogos olímpicos e *conta contos aos gregos, como uma velha à criança* [...].

Vem em seguida o rapto de Io, depois a *fábula de Giges e Candaulo*, depois belas histórias de ladrões e a da filha do rei do Egito, Quéops, [...].

Juntem a isso oráculos, prodígios, feitos de sacerdotes, e terão a história do gênero humano. [Todos os grifos são nossos] (VOLTAIRE, 2007:11).

Certamente que temos consciência que Voltaire, em termos Vernanianos, é também um “sujeito para um objeto”⁵, ele vive um período em que a Razão, a Ciência, são princípios que já se consolidam enquanto norte do ‘pensamento dominante’ de então. Contudo, acreditamos que é essa leitura intencional, a existência, por parte de Voltaire, de um projeto que quer romper com o pensamento guiado pelo universo religioso, e seu ‘acerto de contas’ com o passado que o ‘impede’ de observar na obra desse historiador grego, Heródoto, elementos que o próprio Voltaire pretendia, tais como: uma História útil; A idéia da exemplaridade; Desprendimento de um ‘espírito preconceituoso’, entre outros mais que se ‘observados de perto’ já estão presentes na obra de Heródoto.

Em um artigo intitulado *Mito e História*, Renata L. Biazotto Venturini, nos ajuda a entender um pouco mais dessa relação que tanto causa mal-estar a muitos historiadores, no que se refere a Heródoto, é inegável que o mundo grego em que esse historiador vivia, e que a história começava a dar seus primeiros ‘balbucios’, para usar uma fala do Marc Bloch, era pensado ainda a partir dos mitos. Nesse sentido, “o entendimento de Heródoto sobre a tarefa da história enraizava-se na concepção de memória e na experiência grega de natureza, que compreendia a existência de deuses imortais e homens mortais” (VENTURINI, 1996: 66), e a esses mitos e quadros trágicos apresentados por Heródoto, “juntem [emos] a isso oráculos, prodígios feitos de sacerdotes” (VOLTAIRE, 2005: 11) e temos a concepção herodotiana do fazer historiográfico.

O projeto que os Annales recepciona de Michelet em fazer falar os mortos, é uma ação que podemos perceber já em Heródoto, essa vontade de fazer falar silêncios, de trazer do

⁵ Karl Marx. Introdução Geral a Crítica da Economia Política Apud “O sujeito trágico: Historicidade e Transhistoricidade” IN: J-P VERNANT e P-V NAQUET. Mito e Tragédia na Grécia Antiga.

Letes, (o rio do) esquecimento, essa memória dos acontecimentos históricos⁶. Heródoto, como o apresentamos acima, já estabelece uma clara distinção entre a *narrativa historiográfica* e os *memorialistas*, sem deixar de lado, em sua obra, esta *tradição oral* tão viva entre os povos de seu tempo. Seguindo esse viés discordamos da leitura estabelecida por Voltaire ao afirmar que “*somente a imaginação que escreveu as primeiras histórias*” [grifo nosso] (VOLTAIRE, 2007:10) ao referir-se quanto ao uso de uma *tradição oral* posta em prática por memorialistas e apropriada por Heródoto na construção de sua trama historiográfica.

E para finalizar, Heródoto sabe que o que prende a atenção dos gregos de então ainda são os mitos, como as próprias tragédias que vale salientar se formam sobre os mitos gregos, e nesse sentido nosso autor já produz uma “história que distrai, que agrada”, sem perder de vista seu caráter ‘investigativo’ e de ‘ensinamento cívico’. Transpondo o pensamento de Bloch para a obra de Heródoto vemos nosso historiador investigando – produzindo conhecimento – sem retirar desse “sua parte de poesia” (BLOCH, 2002)

Heródoto faz de sua obra resposta à indagação levantada por Voltaire, mais tarde, “qual seria a história útil?”, e o próprio Voltaire responde: “A que nos ensinaria nossos deveres e nossos direitos, sem parecer que pretende ensiná-los” (VOLTAIRE, 2005: 12).

⁶ Sobre esse debate ver: Micea Eliade:, “Mitologia da Memória e do Esquecimento”. In: _____. Mito e Realidade, São Paulo, 1994.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, O. L. & LIMA, M. V. de (orgs.). Ensaio em Estudos Clássicos. Campina Grande: UFCG, 2006.
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CERTEAU, M. A Escrita da História. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1982.
- CHÂTELET, F. Et.all.História das idéias políticas, trad.:Carlos Nelson Coutinho, rio de janeiro: zahar, 1994. 399p.
- ELIADE, Micea. “Mitologia da Memória e do Esquecimento”. In: Mito e Realidade, 4ª ed. , São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FINLEY, M I. Historia Antiga.Testemunhos e modelos, trad.: Valter Lellis Siqueira, são Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. Uso e abuso da História, trad.: Marylene Pinto Michael, são Paulo: Marztins Fontes, 1989.258p.
- _____. Os gregos antigos, trad.: Artur mourão, Lisboa, edições 70, 1988.178p.
- GAZOLLA, R. Para não ler ingenuamente uma tragédia, São Paulo:edições Loyola, 2001. (coleção leituras filosóficas)139p.
- HARTOG, F. O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro, trad.: Jacynto Lins Brandão, Belo Horizonte -MG: editora da UFMG,1999.474p.
- LIMA, M. V. Memória e tradição oral na Grécia clássica: leituras de Heródoto. Texto apresentado no Quarto Colóquio Internacional de Filosofia Griega “Lenguaje.Discurso y Civilización De Grécia a la Modernidad” ocorrido em La Plata na Argentina em julho de 2006.
- MALHADAS, D. Tragédia grega: o mito em cena. São Paulo: ateliê editorial, 2003.111p.
- ROSSI, Paulo. “A idéia de progresso científico”. In: Os filósofos e as máquinas. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989, p, 63-88.
- VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Mito e História. In: A Velha História: Teoria, Método e Historiografia / Jurandir Malerba (org.). –Campina, SP: Papyrus, 1996.
- VERNANT, J - P. As origens do pensamento grego. Trad.: Isis Borges B. da Fonseca, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VERNANT, J-P e NAQUET, P-V. Mito e tragédia na Grécia antiga. Trad. São Paulo: Pespectiva, 2005.
- VOLTAIRE. IN: LOWITH, Karl. O sentido da história. Lisboa: Edições 7, 1977, p, 107-117.

FONTES

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A poética clássica, trad.: Jaime Bruna, 7ªed., são Paulo: Cultrix, 1997.114p.

ÉSQUILO, EURÍPIDES, SÓFOCLES, ARISTÓFANE. Prometeu acorrentado, Electra, Antígona, As Vespas. Madrid - Espanha: gráfica internacional; são Paulo: clube internacional do livro, 1999(data do deposito legal da obra). (clássicos do teatro grego; Sete contra Tebas), trad.: Jorge montsiá, Barcelona - ES, 1995 (coleção obras maestras). 216pp.

HERÓDOTOS. Histórias. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1985.

VOLTAIRE. A Filosofia da História. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.